

Efeitos Gerais

A viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso à Suíça, e a sua participação no Fórum Econômico Mundial que começa hoje na cidade suíça de Davos, de certa forma, tem o sentido de coroar a política econômica brasileira desde que explodiu a crise dos *tigres asiáticos*, mostrando que o Brasil pode passar ao largo dos efeitos gerais. Teve a iniciativa de enfrentar a retração do crédito internacional mediante forte elevação dos juros em outubro e a apresentação, em novembro, de vigoroso pacote fiscal de R\$ 20 bilhões, aprovado em dezembro pelo Congresso.

Para reforçar a base fiscal do plano de estabilização, que tem como trunfo a estabilidade da moeda, e atrair investidores estrangeiros para participar do ambicioso programa brasileiro de privatizações, o governo joga com o empenho político do presidente Fernando Henrique em liquidar, o mais breve possível, a votação das mais polêmicas reformas do Estado, como a administrativa e a previdenciária.

A ação econômica do governo tem se pausado pela eficiência de planejamento que dificilmente pode ser obtido no imprevisível campo político. Embora a economia dependa da política, o governo não está perdendo tempo, e aposta na hipótese mais favorável.

Enquanto o presidente da República está na Suíça, buscando sensibilizar os formadores de opinião do maior fórum econômico do mundo para a ação do Brasil nos campos político e econômico, o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, estava em Londres. Apresentou para

uma platéia de 300 investidores ingleses oportunidades que se abrem no Brasil com a privatização dos portos, estradas e ferrovias, além dos projetos de integração rodo-ferroviária-fluvial do Brasil aos países do Mercosul.

A palestra de Padilha coincidiu com o anúncio pelo ministro das Comunicações, Sérgio Motta, dos cronogramas de privatizações do Sistema Telebrás e da Embratel, o mais ambicioso do mundo, com previsão de arrecadar US\$ 50 bilhões em dois anos. O ingresso de capitais estrangeiros, sob a forma de investimentos diretos, é vital para financiar o déficit em conta corrente do Brasil.

No ano passado o déficit ficou em US\$ 33 bilhões e foi financiado em parte pelo ingresso de US\$ 17 bilhões em investimentos diretos. Este ano, de acordo com toda a programação de privatizações federais, estaduais e municipais, aprovada pelo Conselho Nacional de Desestatização, as privatizações podem arrecadar US\$ 33 bilhões, dos quais mais da metade procedente do exterior. Compreende-se o empenho do governo em vender, inclusive pela rede de TV CNN, a imagem positiva do Brasil: se tiver êxito, o ágio da privatização aumenta.

O governo é o primeiro a acreditar nisso, tanto que o Banco Central reduziu os juros anuais de 38% para 34,5%, além do que esperava o mercado. As taxas continuam muito altas e asfixiando a produção e o consumo, mas a decisão prova que o país tanto confia no sucesso da privatização que começou a baixar mais a guarda dos juros.